

AS MARCAS DA RECEPÇÃO DA CRÔNICA GUINADA À DIREITA DE ANTONIO PRATA

Rosilônia Pereira Dias¹
Maria Eugênia Curado²

¹ Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG)

² Doutora em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Docente do Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG)

Resumo: O propósito deste estudo é apresentar uma discussão sobre a importância de refletirmos sobre a forma como a literatura tem sido recebida pelos leitores contemporâneos. Uma vez que são considerados peças fundamentais no processo de leitura, tornando-se, assim, a instância responsável por atribuir sentido àquilo que se lê. Daí a necessidade de averiguarmos se a materialidade do texto influencia na constituição de novos sentidos para o texto. Por isso, o presente trabalho estrutura-se a partir da análise das marcas da recepção da crônica “Guinada à direita”, de Antonio Prata, e isto sob a perspectiva da Estética da Recepção. Pois a referida teoria entende que cada sujeito/leitor lê, interpreta, recebe textos históricos, literários, sociológicos, antropológicos, a partir de inúmeras interpretações, que se constroem por meio do ambiente social e cultural, das instituições, dos campos sociais, bem como das conectividades com outros textos. Assim, além das referidas marcas da recepção, retiradas da Folha *on-line*, e de *blogs*, previamente selecionados, analisar-se-á, também, a crônica mencionada anteriormente, com o intuito de tecer considerações crítico reflexivas sobre as abordagens apresentadas pelo cronista. Objetivamos, ainda, levantar questões relacionadas ao processo de constituição e concepção do gênero em estudo, bem como da ironia. Com o intuito de respaldar essa reflexão o aporte teórico advém fundamentalmente dos postulados de Antônio Candido (2000); Beth Brait (2008); José Marques Melo (2003); D. C. Muecke (1995); Antoine Compagnon (2001); Evando Nascimento (1998); Terry Eagleton, (1997); Martín-Barbero (2002), Hans Robert Jauss (1994); Regina Zilberman (1989) dentre outros que comporão este estudo.

Palavras-Chaves: Crônica Prateana. Estética da Recepção. Ironia.

Introdução

A publicação da crônica “Guinada à direita”, na Folha de São Paulo *On-line*, provocou várias manifestações, tanto favoráveis quanto contrárias às abordagens do cronista Antonio Prata. Este fato que contribuiu para que o autor se manifestasse quanto ao teor de seu texto, explicando aos seus leitores que se tratava de uma sucessão de ironias referentes a vários temas polêmicos relacionados aos negros, índios, gays e mulheres.

Pode-se considerar, talvez, o fato de todo esse burburinho ser possível graças à dinamicidade que envolve o contexto das leituras midiáticas e como a literatura tem sido

recebida pelos leitores contemporâneos. Problematicando o propósito do autor ao publicar o texto, temos um cenário propício para abordagens sobre a Estética da Recepção, considerando a ironia como uma argumentação indireta, astuta e inteligente, capaz de articular as mais variadas ideias, sob uma perspectiva humorística ou mesmo sarcástica, tendo em vista, obviamente, a expectativa da recepção.

Desse modo, torna-se válido questionar: como se constroem as práticas de negociação entre o leitor e o texto? De que forma a ironia aparece na crônica prateana? Será que a materialidade do texto influencia o processo de recepção? Pois é perceptível o fato de que a leitura encontra-se cada vez mais inserida aos mais variados contextos literários, ultrapassando os circuitos e formatos convencionais, como a materialidade do texto. E isto porque diante da oportunidade do contato no espaço da internet, os sujeitos/leitores se veem como parte do processo de construção desta “literatura” que lhe é apresentada, uma vez que podem se dirigir ao escritor de forma direta e dinâmica, por meio dos *blogs*, seções destinadas para este fim e redes sociais, o que ocasiona o surgimento de rituais de consagração, ou não, em torno do escritor, o que endossa a compreensão da literatura como um fato cultural mais amplo.

Assim, pode-se perceber que por meio dos excertos produzidos em *blogs*, bem como em outros registros de recepção, os leitores/remetentes tecem suas identificações e projeções, evidenciando o meio digital como um novo espaço de convergência da comunicação e de circularidade de expressões culturais na sociedade contemporânea, o que propicia um encontro direto do leitor com o escritor, fazendo com que este abra sua produção a pactos de leitura que se desviam dos cânones estabelecidos, daí a importância de se analisar o nível de recepção do leitor contemporâneo.

Referencial Teórico

A partir da perspectiva de que esta pesquisa pauta-se na análise da recepção da crônica prateana “Guinada a direita” Susanna Rotker (2005) e José Marques Melo (2003) nortearão o estudo relacionado à conceituação da crônica e do suporte Jornal. A ironia, por sua vez, será concebida a partir das postulações de Beth Brait (2008) e D. C. Muecke (1995) enquanto a Estética da Recepção será fundamentada nos estudos de Hans Robert Jauss (2002), que concebe o leitor como um sujeito histórico, “real”, com suas expectativas a serem concretizados na prática da leitura. Nessa proposta seminal, que contraria uma herança teórico-crítica centrada na estética da produção, a presença ou a “resposta” do público concebe uma força preponderante para a valência da vida histórica das obras.

Hans Robert Jauss (1921 – 1997) se projeta como um dos precursores da ER¹ a partir de considerações teóricas proferidas em sua aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança. Na ocasião, o autor criticou veementemente a maneira pela qual a teoria literária abordava a história da literatura, considerando os métodos de ensino, até então, tradicionais e propondo reflexões acerca dos mesmos. Mais tarde, em 1969, a conferência de Jauss é publicada com o título de “A história da literatura como provocação à teoria literária”.

O que inquietava o teórico era o fato da história da literatura basear-se na premissa de que, em sua forma habitual, a teoria literária ordena as obras de acordo com tendências gerais; ora abordando as obras individualmente em sequência cronológica, ora “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de ‘vida e obra’” (JAUSS, 1994, p.6). Outro aspecto considerável correspondia ao estudo dos autores canônicos da Antiguidade Clássica, não deixando espaço de reconhecimento para aqueles que não se enquadravam aos moldes do cânone. O estudioso ressaltava que a história da literatura, ao seguir um cânone ou descrever a vida e obras de alguns autores em sequência cronológica, deixava de contemplar a historicidade das obras, desconsiderando, dessa forma, o lado estético da criação literária, uma vez que:

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto á posteridade. (JAUSS, 1994, p.8)

Segundo o autor, a obra de arte literária seria efetivamente recriada ou concretizada a partir do momento que o leitor a legitimasse, pois para ele o livro sem leitor não existe, sendo inconcebível a ideia de que a obra literária pode-se fechar numa interpretação única e imutável. E para sustentar suas abordagens Jauss formula sete teses, das quais Zilberman (1989), uma das maiores estudosas da teoria jaussiniana, evidencia que nas quatro primeiras ele apresenta os conceitos fundamentais em que se apoiam a nova historiografia literária enquanto que nas três últimas são expostos os princípios metodológicos da teoria.

A primeira tese formulada por Jauss (1994) refere-se à historicidade da literatura, que não se relaciona à sucessão de fatos literários, mas ao diálogo estabelecido entre a obra e o leitor. Zilberman (1989, p.33) se posiciona, afirmando que “a relação dialógica entre o leitor

¹ Em todas as ocorrências, para este estudo, de ER leia-se Estética da Recepção.

e o texto [...] é o fato primordial da literatura, e não o rol elaborado e depois de concluídos os eventos artísticos de um período”, dessa forma o leitor assume um posicionamento ativo mediante a concepção, ou não, de uma obra literária dentro de um dado período.

Na segunda tese, o teórico afirma que o saber prévio de um público, ou o seu horizonte de expectativas, determina a recepção, e a disposição desse público está acima da compreensão subjetiva do leitor. O novo, apresentado pela literatura, dialoga com as experiências que o leitor possui. A nova obra suscita expectativas, desperta lembranças e “conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão” (JAUSS, 1994, p. 28).

A terceira tese, por sua vez, postula que o texto pode satisfazer o horizonte de expectativas do leitor ou provocar o estranhamento e o rompimento desse horizonte, em maior ou menor grau, levando-o a uma nova percepção da realidade. A distância entre as expectativas do leitor e sua realização é denominada por Jaus de “distância estética” e determina “o caráter artístico de uma obra literária” (JAUSS, 1994, p. 31). O que dialoga com Eagleton (1997, p.106) ao afirmar que

à medida que prosseguimos a leitura, deixamos de lado suposições, revemos crenças, fazemos deduções e previsões cada vez mais complexas; cada frase abre um horizonte que é confirmado, questionado ou destruído pela frase seguinte. Lemos simultaneamente para trás e para frente, prevendo e recordando, talvez conscientes de outras concretizações possíveis do texto que a nossa leitura negou. Além do mais, toda essa complicada atividade é realizada em muitos níveis ao mesmo tempo, pois o texto tem “segundos e primeiros planos”, diferentes pontos de vista narrativos, camadas alternativas de significação, entre as quais nos movemos constantemente.

O autor, que também alicerça este estudo, corrobora as postulações de Jaus no que concerne ao horizonte de expectativas, que pode ser confirmado, questionado ou mesmo destruído durante o processo de recepção da leitura.

Na quarta tese, propõe-se examinar as relações atuais do texto com a época de sua publicação, averiguando qual era o horizonte de expectativas do leitor de então e a quais necessidades desse público a obra atendeu. Dessa forma, por meio da releitura e do diálogo com a época primeira, a história da literatura recupera a historicidade do texto literário. A possibilidade de distintas interpretações entre a recepção do passado e a atualização no presente, com diferentes respostas oferecidas a novas perguntas, em épocas distintas, é a marca de sua historicidade; de uma história atuante em oposição à existência de um espírito de época homogeneizante.

Assim, o modelo proposto por Jauss “liberta” a literatura do confinamento das obras de um determinado período. O que não nega a concepção de que a produção literária guarda um diálogo com a sociedade, proporcionando uma reflexão sobre o contexto em que estão inseridas, “a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (CANDIDO, 2000, p. 19). O que pode ser percebido quando se estuda as várias correntes literárias como Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, dentre outras, pois cada uma delas apresenta aspectos de sua época, evidenciando os anseios de uma geração, ou seja, é uma literatura feita no seu tempo para o seu tempo, o que não impede que haja várias releituras dessas correntes em outras épocas, o que Candido pressupõe ao afirmar que

a literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores: e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2000, p. 68)

O autor evidencia o aspecto dialógico inerente à relação autor/obra/leitor, uma vez que este assume papel ativo na concretização sucessiva do sentido das obras ao longo da história. Sob esta mesma perspectiva ainda ressalta que

[...] os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] (CANDIDO, 2000, p. 175)

Daí surge a estreita relação que se estabelece entre o leitor e a obra literária, pois por este viés a literatura oferece possibilidades de respostas a indagações comuns que podem não ser abordadas em outros contextos.

As três últimas teses do pesquisador ressaltam a historicidade da literatura sob três perspectivas: diacrônica, sincrônica e a função social da literatura. A abordagem diacrônica alcança a dimensão verdadeiramente histórica quando não deixa de considerar a relação da obra com o contexto literário no qual ela, ao lado de outras obras, de outros gêneros, teve de se impor. Assim, a proposta da Estética da Recepção é o diálogo entre diacronia e sincronia no processo de compreensão total da obra.

Assim, a quinta tese refere-se ao aspecto diacrônico, que diz respeito à recepção da obra literária ao longo do tempo, e deve ser analisado, não apenas no momento da leitura, mas por meio do diálogo estabelecido entre as leituras anteriores, o que evidencia a atemporalidade da obra literária.

A sexta tese, por sua vez, apresenta a discordância de Jauss sobre a homogeneização da narrativa do historiador. O autor acena para uma história da literatura que considera as semelhanças, diferenças, inter-relações e coexistências presentes num dado período pertencente ao mesmo corte sincrônico.

Por último, a sétima tese aborda a relação entre literatura e vida, pressupondo uma função social para a criação literária, pois, devido ao seu caráter emancipador, abre novos caminhos para o leitor no âmbito da experiência estética. O fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de visualizar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado é justamente o que provoca a experiência estética, pois “a função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática” (JAUSS, 1994, p. 50), assim, o leitor atua de forma efetiva na concretização e atualização da obra literária. Preceito também abordado por Candido (2000) ao afirmar que na medida em que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre obra, autor e público, formando uma tríade indissolúvel.

Como a pesquisa trata de uma recepção ou de relatos de recepção agenciados no contexto da cultura massiva, mostram-se também imprescindíveis as reflexões de Jesús Martín-Barbero (2002), sobre os estudos de comunicação e cultura contemporâneos. Pois sua obra traça uma crítica do paradigma das pesquisas em comunicação de massa, o qual toma como foco o eixo da emissão-produção e interpreta o poder absoluto de manipulação das mídias. O sociólogo propõe que a recepção seja pensada como um processo complexo de produção de sentidos, compreendendo o receptor como um ator social, o que torna-se imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa no que concerne à abordagens referentes aos blogs recortados para este estudo. Assim, a recepção constitui-se por mediações culturais diversas, dentre as quais podem-se destacar as negociações simbólicas entre os lugares dos produtores e dos receptores, estes últimos também munidos dos mais variados saberes e poderes.

Além dos autores apresentados anteriormente outros estudiosos também nortearão esta pesquisa como Henri Bergson (1983); Pierre Bourdieu (2012), Antoine Compagnon (2001); Jonathan Culler, (1999); Wolfgang Iser (1996); Pierre Levy (1999); Luiz Costa Lima

(1983); Evando Nascimento (1998). Por meio destes e outros, que serão descobertos durante o desenvolvimento do estudo, é que se procurará analisar o processo de recepção da crônica Guinada à direita.

Metodologia

Com o intuito de atingir os objetivos desta pesquisa os estudos serão divididos em três partes: Estudo analítico do aporte teórico referente à Estética da Recepção, do meio digital e da constituição da ironia; Mapeamento das marcas da recepção da crônica Guinada à direita e análise crítica das marcas da recepção mapeadas e previamente selecionados. Daí a escolha do método hipotético-dedutivo, no intuito de preencher as lacunas deixadas por uma análise puramente textual. Preceito este reforçado por Cândido (2000), quando afirma que ao lado das considerações formais, deve-se usar as técnicas de interpretação social e psicológica. Uma vez que a pesquisa de vida e do momento vale para estabelecer uma verdade documentária, mas que, isoladas do texto, não possuem valor, visto que o objeto imediato de estudo do literata é o texto literário e os elementos por ele fornecidos.

Por isso a pesquisa se norteará pelo mapeamento, coleta de dados e análise dos registros midiáticos, tanto dos leitores/remetentes da Folha *on-line*, quanto dos *Blogs* “Conversa Afiada”, “Inácio Araujo” e “Leonardo Sakamoto”, que teceram considerações acerca da crônica prateana referenciada anteriormente.

A partir desta coleta de dados será possível analisar criticamente o processo de recepção da ironia dos leitores prateanos, refletindo, para isso, sobre suas crenças, valores, saberes e poderes, uma vez que o meio digital é, reconhecidamente, um novo espaço de convergência da comunicação e de circularidade de expressões culturais na sociedade contemporânea.

Por isso, durante o processo de análise dos relatos de recepção emitidos, procederemos a uma categorização dos leitores, a partir das sete teses apresentadas por Jauss (1994) dada a diversidade de falas que se apresentam, bem como os seus diferenciados modos de enunciação. A partir desta perspectiva analisaremos, também, dados fornecidos pelos próprios leitores/remetentes, uma vez que desenvolveremos uma pesquisa de campo virtual a fim de investigar o processo de recepção da crônica que compõe o *corpus* desta pesquisa.

Resultados e Discussões

O processo de compreensão da leitura tem apresentado novas abordagens principalmente a partir da década de 60. Por isso torna-se inquestionável a relevância de haver

pesquisas que analisem a Estética da Recepção em meio à dinamicidade que rege, atualmente, o processo de aquisição de conhecimento e entretenimento, uma vez que a leitura encontra-se cada vez mais inserida aos mais variados contextos, pois percebe-se continuamente que vem ultrapassando cada vez mais os circuitos e formatos convencionais.

Diante da oportunidade do contato no espaço da internet, os sujeitos/leitores se veem como parte do processo de construção desta “literatura” que lhe é apresentada. E isto porque podem se dirigir ao escritor de forma direta e dinâmica, por meio dos *blogs* e seções cartas dos leitores, o que ocasiona o surgimento de rituais de consagração, ou não, em torno do escritor, o que endossa a compreensão da literatura como um fato cultural amplo.

Assim, pode-se perceber que os leitores/remetentes tecem suas identificações e projeções, não compactuando às exigências estéticas da alta cultura e aos critérios legitimados de literariedade. Pois o meio digital, que é reconhecidamente um novo espaço de convergência da comunicação e de circularidade de expressões culturais na sociedade contemporânea, torna-se um espaço propício para um encontro direto do leitor com o escritor. O que faz com que este abra sua produção a pactos de leitura que se desviam dos “cânones” estabelecidos.

Neste sentido, esta pesquisa se torna relevante, uma vez que terá como pressuposto a análise das marcas da receptividade dos leitores prateanos. Contribuindo, assim, para que possamos compreender se estes sujeitos/leitores apresentam rituais de cumplicidade diante do tom acentuadamente irônico apresentado por Prata, ou se não são capazes de identificar, nesta incidência, um dos principais recursos literários utilizados pelo escritor.

Para isto, a análise partirá dos registros textuais dos leitores/remetentes da Folha *on-line*, dos *Blogs* “Conversa Afiada”, “Inácio Araujo” e “Leonardo Sakamoto”, previamente selecionados.

Considerações Finais

A leitura sempre foi um tema recorrente no cenário das pesquisas ligadas aos programas de graduação e pós-graduação, e nem por isso se esgotará tão facilmente, pois haverá sempre um grupo acentuado de pesquisadores preocupado em investigar todo o processo de recepção decorrente dessa relação do leitor com o texto lido. O que confere o aspecto extremamente contemporâneo das postulações de Jauss (1994).

Diante do exposto, pode-se afirmar que a ER revela-se como uma possibilidade de debater temas sociais, desvendando conflitos, além de refletir sobre a existência do homem e suas novas e possíveis percepções acerca do meio no qual encontra-se inserido.

Com isso, a reflexão quanto às várias possibilidades de recepção podem contribuir acentuadamente para a formação do leitor no sentido de propiciar o alargamento dos seus horizontes de expectativas (de visão de mundo e outros), conduzindo-o a rever criticamente a própria realidade.

Assim, a crônica, oriunda da plataforma jornal pode auxiliá-lo no processo de reflexão e reavaliação dos conceitos e valores pregados pela sociedade, desestruturando, muitas vezes, as projeções do leitor, uma vez que a experiência literária confronta-o de modo que seja capaz de formular novas habilidades conceituais e, assim, reorganizar seu mundo interior, alcançando uma função extratextual.

Em suma, é impossível saber como cada leitor produz sentido a partir de sua leitura, mas cabe ao contexto acadêmico refletir sobre as possibilidades de auxiliá-lo a emancipar-se como sujeito leitor, concebendo a literatura como processo de produção, recepção e comunicação numa relação dinâmica entre autor, obra, leitor e o sentido daí resultante.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *O riso, ensaio sobre a significação do cômico*. 2ª edição. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Estudos)

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 2008.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Ltda., 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária*. São Paulo: Beca, 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura e suas Fontes*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Tradução de Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MELO, José Marques. *Jornalismo Opinativo*. Campos do Jordão. Ed. Mantiqueira, 2003.

MUECKE, D. C. *A ironia e o irônico*. Trad. Geraldo de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva. 1995.

NASCIMENTO, Evando. *Literatura e mídia: desconstruções*. In: CONGRESSO ABRALIC, VI, 1998, Florianópolis, UFSC. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1998. 1 CD-ROM.

ROTKER, Susanna. *La invención de la crônica*. México: FCE, Fundación para un nuevo periodismo Iberoamericano, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura e o apelo das massas*. In: AVERBUCK, Ligia (Org.). *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.

_____, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXO

GUINADA À DIREITA

Publicada em 03 de novembro de 2013 na Folha *Online*

Há uma década, escrevi um texto em que me definia como "meio intelectual, meio de esquerda". Não me arrependo. Era jovem e ignorante, vivia ainda enclausurado na primeira parte da célebre frase atribuída a Clemenceau, a Shaw e a Churchill, mas na verdade cunhada pelo próprio Senhor: "Um homem que não seja socialista aos 20 anos não tem coração; um homem que permaneça socialista aos 40 não tem cabeça". Agora que me aproximo dos 40, os cabelos rareiam e arejam-se as ideias, percebo que é chegado o momento de trocar as sínteses pelas sinapses.

Como todos sabem, vivemos num totalitarismo de esquerda. A rubra súcia domina o governo, as universidades, a mídia, a cúpula da CBF e a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, na Câmara. O pensamento que se queira libertário não pode ser outra coisa, portanto, senão reacionário. E quem há de negar que é preciso reagir? Quando terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros tentam levar a nação para o abismo, ou os cidadãos de bem se unem, como na saudosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz, ou nos preparemos para a barbárie.

Se é que a barbárie já não começou... Veja as cotas, por exemplo. Após anos dessa boquinha descolada pelos negros nas universidades, o que aconteceu? O branco encontra-se escanteado. Para todo lado que se olhe, da direção das empresas aos volantes dos SUVs, das mesas do Fasano à primeira classe dos aviões, o que encontramos? Negros ricos e despreparados caçoando da meritocracia que reinava por estes costados desde a chegada de Cabral.

Antes que me acusem de racista, digo que meu problema não é com os negros, mas com os privilégios das "minorias". Vejam os índios, por exemplo. Não fosse por eles, seríamos uma potência agrícola. O Centro-Oeste produziria soja suficiente para a China fazer tofus do tamanho da Groenlândia, encheríamos nossos cofres e financiaríamos inúmeros estádios padrão Fifa, mas, como você sabe, esses ágrafos, apoiados pelo poderosíssimo lobby dos antropólogos, transformaram toda nossa área cultivável numa enorme taba. Lá estão, agora, improdutivos e nus, catando piolho e tomando 51.

Contra o poder desmesurado dado a negros, índios, gays e mulheres (as feias, inclusive), sem falar nos ex-pobres, que agora possuem dinheiro para avacalhar, com sua ignorância, a cultura reconhecidamente letrada de nossas elites, nós, da direita, temos uma arma: o humor. A esquerda, contudo, sabe do poder libertário de uma piada de preto, de gorda, de baiano, por isso tenta nos calar com o cabresto do politicamente correto. Só não jogo a toalha e mudo de vez pro Texas por acreditar que neste espaço, pelo menos, eu ainda posso lutar contra esses absurdos.

Peço perdão aos antigos leitores, desde já, se minha nova persona não lhes agrada, mas no pé que as coisas estão é preciso não apenas ser reacionário, mas sê-lo de modo grosseiro, raivoso e estridente. Do contrário, seguiremos dominados pelo crioulo, pelas bichas, pelas feministas rançosas e por velhos intelectuais da USP, essa gentinha que, finalmente compreendi, é a culpada por sermos um dos países mais desiguais, mais injustos e violentos sobre a Terra. Me aguardem.

Antonio Prata

Antonio Prata é escritor. Publicou livros de contos e crônicas, entre eles "Meio Intelectual, Meio de Esquerda" (editora 34). Escreve aos domingos na versão impressa de "Cotidiano".